

Regional



O ENGENHEIRO urbanista Francisco Lopes, em frente ao casarão que hoje abriga a Câmara de Colatina, destacou a história política e econômica da cidade

PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Casarões hospedaram fãs de Hitler e até presidente

Palcos de movimentos políticos e sociais importantes, prédios antigos resistem ao tempo e preservam a história do Estado

Alessandro de Paula
Nilo Tardin

Espremidos entre prédios e lojas comerciais, os casarões pertencentes a tradicionais famílias colatinenses construídos por seus antepassados guardam lembranças de acontecimentos sociais e políticos que marcaram a história de Colatina e também do Estado.

Os prédios históricos resistem ao tempo em Colatina, que completa 93 anos de emancipação política em agosto.

Eles foram palco de movimentos políticos e sociais importantes, como a mansão que recebeu o presidente Eurico Gaspar Dutra em setembro de 1949, após a inauguração do Hospital Silvío Avidos.

Já o casarão no Centro Histórico de Itapina abrigava a sede do Partido Integralista, que saudava e admirava Hitler e Mussolini.

No casarão de Itapina diversas lideranças integralistas foram presas nos anos de 1930 e saíram algemadas do prédio, conforme conta a atual dona do imóvel histórico Tânia Becali.

O engenheiro urbanista Francisco Hermes Lopes avalia que a história dos casarões de Colatina está relacionada à importância política e econômica do município, que teve



IMÓVEIS conservados no centro de Colatina

ve seu auge na década de 1950.

“Em 1953, Colatina estava entre as 10 cidades mais desenvolvidas do Brasil. O município ganhou o título de maior produtor de café do mundo, com direito a diploma e reportagem na revista O Cruzeiro”, conta Francisco Lopes.

“A população colatinense equivalia aos quatro municípios da Grande Vitória. Essa riqueza dos barões do café refletiu na arquitetura”, completou.

As fachadas ricamente decoradas foram sendo descaracterizadas a partir da década de 90, com a veloz verticalização da cidade. Atualmente, conforme contabiliza o engenheiro urbanista, restam cerca de 30 casarões preservados e integrados à cena urbana.

No distrito de Baunilha, o casarão onde nasceu e morou o ex-senador e jornalista João Calmon – conhecido com Senador da Educação e ex-diretor dos Diários Associados –, recebia políticos e artistas em saraus e festas sociais, segundo o professor Olney Braga, pesquisador da história da cidade.



CASARÃO onde viveu o senador João Calmon

Armas embaixo do assoalho

Em Itapina, em meados dos anos de 1930, o alvoroço da prisão dos líderes integralistas na sede do partido foi testemunhado pelo irmão da dona do imóvel Tânia Becali.

Segundo ela, Airton Becali, já falecido, tinha oito anos e acompanhava o pai, Luciano, no casarão.



CASARÃO que foi sede de partido

Interessado em comprar o imóvel, Luciano estava no local quando chegou a tropa militar. “Airton viu tudo debaixo da mesa, onde se abrigou assim que a polícia chegou e algemou os líderes. Com o fim do integralismo, a sede do partido foi posta à venda e meu pai arrematou”, contou Tânia.

Outro fato relatado por moradores mais antigos de Itapina é que os integralistas escondiam as armas e munições no assoalho do casarão. Aos 58 anos, Tânia Becali diz que os casos contados pelo seu pai e pelo irmão ficaram vivos em sua memória.

“Eles falavam que era comum os integralistas andarem armados”, lembra Tânia, que preserva o imóvel intacto e protegido pela lei que criou o Sítio Histórico de Itapina com mais de 100 casarões no estilo colonial. Ela conserva no interior do prédio mais de 250 peças da época da imigração italiana no distrito colatinense.

Lojas, bancos e hotéis em casas antigas de Muqui

Assim como na cidade histórica de Ouro Preto (MG), lojas, padarias, hotéis, restaurantes e alguns bancos atendem a seu público em casas antigas, com quase 100 anos de construção em Muqui, no Sul do Estado.

A cidade possui o maior sítio histórico do Espírito Santo, com 439 imóveis tombados pelo Conselho Estadual de Cultura e que não podem mais sofrer intervenções.

No Estado, são 777 bens tombados. Segundo a Secretaria de Estado da Cultura (Secult), Muqui concentra o maior acervo da arquitetura eclética do Espírito Santo, enriquecida por ornamentos, pinturas decorativas e técnicas do final do século 19 e início do século 20.

Em Muqui, normalmente os estabelecimentos comerciais ocupam o andar térreo dos sobrados, ficando o segundo pavimento para as residências.

A historiadora Ney Costa Rambalducci, 79 anos, vive num belo sobrado construído em 1929, bem em frente à Igreja Matriz, que também foi tombada. Mantém móveis antigos, inclusive uma vitrola do início do século 20.

Uma das lideranças no processo de tombamento da cidade, ela conta que alguns moradores se mobilizaram após perceberem que aos poucos imóveis históricos estavam sendo demolidos para construção de novas estruturas.

A prefeitura contratou dois especialistas que promoveram reuniões com moradores e deram início ao primeiro tombamento, feito pelo Conselho Municipal de Cultura em 1999. “Foi um processo difícil, mas a maioria entendeu. Só foram tombados os imóveis em que os donos autorizavam”, disse.

Como incentivo, os donos têm desconto de 50% no Imposto Predial e Territorial Urbana (IPTU) e financiamentos com juros subsidiados para reformas.

Na ocasião, 186 imóveis foram tombados, ficando de fora a Igreja Matriz, pois o padre não permitiu. Em 2012, no tombamento estadual, o suntuoso templo foi incluído.

Alguns moradores abrem suas casas aos visitantes que chegam à cidade para conhecer a arquitetura. A visita ocorre, principalmente, nas datas festivas, como no Encontro Nacional de Folia de Reis, em agosto.



SÍTIO histórico da cidade de Muqui

Regional**CASARÕES PRESERVADOS NO ESTADO**

ALESSANDRO DE PAULA

**Fazenda de 154 anos vira hotel**

Para manter a estrutura original, os proprietários do casarão principal da Fazenda Santa Rita, construída há 154 anos, transformaram o local num hotel fazenda e recebem hóspedes pelo sistema cama e café. São 14 quartos e 43 leitos.

Até a senzala foi aproveitada e dispõe de dormitórios, salão de jogos e uma exposição de pinturas.

No segundo andar, móveis de quase 200 anos são mantidos intactos. O local dispõe de piscina com água de nascente, lagoa, árvores frutíferas, campo soçaite, área para camping e trilhas até a mata.

A estrutura é administrada pela artista plástica Nélia Monteiro Lobato. Reservas podem ser feitas pelo telefone (28) 99883-7207.

DIVULGAÇÃO

**Museu em Castelo após passar por reforma**

Em Castelo, no Sul do Estado, o casarão da Fazenda do Centro, construído há 168 anos, foi restaurado pelo governo do Estado após um longo período de abandono e hoje sedia um museu que conta a história da região.

Para pesquisadores, Castelo surgiu na fazenda, que chegou a ter 600 escravos. A estrutura, tombada pelo Conselho Estadual de Cultura em 1984, está sendo preparada para se tornar uma pousada e já recebe pequenos grupos. Reservas podem ser feitas pelos telefones (28) 3542-0394 e (28) 99912-0047.

ALESSANDRO DE PAULA

Palácio é restaurado e abriga biblioteca

Um suntuoso casarão com mais de 150 anos em Marataízes, no litoral Sul, que chegou a desabar e se tornar moradia de mendigos, foi restaurado. Hoje, o Palácio das Águias é um ponto turístico e abriga a Biblioteca Pública Municipal.

O governo do Estado investiu R\$ 598 mil na reforma do casarão, tombado em 1998 pelo Conselho Estadual de Cultura. É uma construção do século XIX e foi palco de encontros políticos da época da República Velha.

